

***Consciência e Liberdade*, de Altamirando Requião: Um ensaio de interpretação do Brasil.**

TEXTO PROVISÓRIO

Conforme destacou Daniel Pecault, (1990), os intelectuais das décadas de 1920 e 1940 manifestavam a convicção de que era sua a tarefa de organizar a nação, principalmente, com o problema da identidade nacional e das instituições. Declaravam-se pertencentes a uma elite dirigente capaz de falar em nome da nação.

Entre esses indivíduos, que acreditavam ser seu o papel de questionar o funcionamento das instituições nacionais, estava o baiano Altamirando Requião.

Requião nasceu em 27 de agosto de 1893, na capital baiana, e diplomou-se em 1910, aos 17 anos, pelo Instituto Normal. cursou a Faculdade de Direito na capital da República. No jornalismo, foi redator, no Rio de Janeiro, de *O País*, da *Gazeta de Notícias* e do *Jornal Moderno*. Na Bahia, tornou-se proprietário do *Diário de Notícias* entre os anos de 1919 e 1939, e do jornal *A Manhã*. Em 1930, foi o primeiro presidente da Associação Baiana de imprensa, criada no mesmo ano.¹

Na literatura, escreveu os contos *Misérias* (1910), poesias em *Luz* (1918), ensaios em *Consciência e Liberdade* (1922), o romance *Brutos e Titãs* (1923), *Os Rosais de Meu Amor* (1925), *Visões Fidalgas e Plebeias* (1925), os ensaios *Epístolas ao Sr. Vital* (1929), *Meditações e Confidências* (1933), *Análise Oportuna* (1936) e *O Baluarte* (1940). Em 1941 foi eleito membro da Academia de Letras da Bahia.²

Só voltou a publicar em 1960, *A Glória do Infante*, *As Mulheres e o Amor na Vida de Júlio César* (1960), *Dom Marcos* (1976), *O Bravo Capitão* (1979), *Razões Glotológicas e Fonéticas da Língua Brasileira* (1984), *O Grande Fracasso* (1984). Em *O Baluarte*, começou uma crônica do Século XVII, seguida por *Dom Marcos*, *O Bravo Capitão* e *O Grande Fracasso*. Uma série com o propósito de abordar o momento histórico das invasões holandesas na Bahia; e o último, da ocupação holandesa em Pernambuco.

¹ *A Manhã*, Salvador. p.1. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/manh%C3%A3-0>>. Acesso em: 21 de setembro de 2014.

² CARVALHO, Pinto de. Discurso de Recepção ao Acadêmico Altamirando Requião. In Revista da Academia de letras da Bahia, nº 14 e 15. Ano 1944. p. 280. Apud VEIGA p. 41.

Mas, nessa comunicação será apresentado algumas considerações do seu livro *Consciência e Liberdade*, publicado no ano de 1922. Contendo 16 capítulos, a obra abordou as principais questões sociais do que ele chamou de “tribo brasileira”.³

Ainda de acordo com as considerações de Daniel Pecauly, os intelectuais da década de 1920, em sua maioria, mostravam-se de acordo à rejeição da democracia representativa e em defesa do fortalecimento dos poderes do Estado. Esses mesmos indivíduos, mais tarde, na década de 1930, aderiram aos movimentos autoritários.⁴ Igualmente, o modelo de representatividade liberal foi definido, por Requião, como uma “ilusão democrática”.

A partir da investigação de *Consciência e Liberdade*, pretende-se compreender qual foi a interpretação feita da sociedade brasileira na década de 1920, por Requião. Lembrando que o ano de 1922 é considerado para diversos historiadores como o símbolo da mutação em curso, pois aconteceu a primeira revolta de jovens oficiais, a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB) e o modernismo irrompeu no domínio cultural, com a realização da Semana de Arte Moderna. Inúmeros intelectuais ingressaram em um nacionalismo deliberadamente reacionário, promovido com o movimento católico organizado em torno do Centro Dom Vital.⁵

O texto que foi apresentado pelo autor como sendo uma análise crítica e sociológica do país, tinha uma abordagem denunciadora acerca dos problemas da República. Assim, os principais erros expostos foram: o fim da escravidão, a formação híbrida da nação e o falseamento da democracia. No âmbito internacional o propósito foi apresentar os modelos de países que o Brasil deveria seguir. Embora, naquele momento o desanimo parece que preponderou sobre a vontade de mudança. Altamirando Requião explanou que: “Podemos, assim, dizer que este país não é não será uma entidade política real, dentro, talvez, de cem anos”.⁶

Ao buscar compreender as interpretações de Requião utiliza-se da metodológica empregada por Nicolau Sevcenko, para o uso da literatura como fonte. O autor advertiu que “todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que

³ Ibidem.

⁴ PECAULT, op. cit., p. 15

⁵ PECAULT, op. cit., p. 26, 27.

⁶ Ibidem. p. 5, 18-19,34,35.

os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo.” (Sevcenko, p.29.)

Desse modo, acredita-se que as mesmas questões que afligiram Requião também inquietaram os seus contemporâneos. Assim, ao ler *Consciência e Liberdade* percebe-se que há aproximação com as mesmas ideias do escritor Oliveira Viana, nos textos *Populações Meridionais do Brasil*, lançado em 1920 e *Pequenos Estudos de Psicologia Social*, de 1921. Na primeira obra, Viana apresentou uma interpretação sobre a história do país, da Colônia até o fim do Segundo Império. Ele se propôs a entender a formação histórica do país a partir do estudo da etnologia das classes rurais e a sua formação política. O marco para os problemas nacionais foi 1888, no qual o povo entrou “numa fase de desorganização profunda e geral, sem paralelo em toda a sua história”.⁷

No segundo livro, publicado pela *Revista do Brasil*, Viana referiu-se à necessidade dos homens públicos posicionarem-se acerca da política e dos problemas nacionais, mesmo quando não se encontravam no poder.⁸ E advertiu que o país necessitava de um chefe político e não de homens que pensavam a política apenas como uma questão partidária. Para ele, o liberalismo era apenas defendido para obter interesses próprios, gerando o mandonismo.⁹

Ainda em Populações Meridionais do Brasil, dos estudos sobre as características físicas da população brasileira, ao se referir aos mestiços, estes foram apresentados como indivíduos inadequados à política nacional, sendo a anarquia sua verdadeira liberdade. Leia-se: “ao lado dos liberais, se estão no poder os conservadores; ao lado dos conservadores, se estão no poder os liberais. O poder que impõe [...] é seu grande inimigo”.¹⁰

Corroborando com as mesmas ideias, Altamirando Requião apresentou a questão racial como uma enfermidade para a nação. O mestiço foi caracterizado com sendo a hibridização das “três raças negativas, das quais duas incapazes, e uma incapacitada”. A

⁷ Ibidem. p. 23, 56.

⁸ VIANNA, Oliveira. *Pequenos Estudos de psicologia social*. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia., 1921. *Populações meridionais do Brasil*. 27^o ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

⁹ VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil*. 27^o ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.p. 23.

¹⁰ VIANA, Oliveira, op. cit., p. 254, 255. COLOCAR a fonte do frei Gaspar.

raça incapacitada, a branca, estava também sofrendo em decorrência dos limites democráticos.¹¹

E os grandes responsáveis dos tais acontecimentos, ou, suas palavras, do “nosso retardamento geral” eram os jornalistas liberais. Consequentemente, o festejo do dia 13 de maio era resultado dos erros dessa imprensa.

Alertou Requião que a atuação da imprensa deveria ser cautelosa, pois suas ações, mal ponderadas, resultariam em consequências mais graves.¹²

Ainda na acusação aos jornalistas, Requião acrescentou que quando eles defenderam a abolição, vislumbrou uma pátria melhor, “sonharam, e foi só. [...]”. Como implicação, “a nação instituiu em ócio mais um dia do ano, para a satisfação dos madraços que a exploram”. O treze de maio tinha o sonho de abolir a escravidão, mas:

Que somos todos nós, senão escravos, mas escravo da pior espécie, (...) dentro dos limites da democracia de sodalícios e do nepotismo. (...) Nas senzalas de outrora só repercutia o ranger de dentes de uma casta, (...) as de hoje, na falência integral das regalias republicanas, escutam as lamentações e os rugidos de desespero de uma nacionalidade desfeita em hordas que se sobrepõe na desventura de uma virilidade morta.¹³

Por isso, com as comemorações do treze de maio, o papel do jornalista era expor “a verdade da degeneração [...] o germe do morbo que estraçalha e inutiliza a nação inteira”. Assim, os indivíduos letrados, tinham que se posicionar com o objetivo de denunciar a questão da raça negra, que estava adoecendo a nação brasileira. Expor a situação da “tragédia nacional”, pois todos os sintomas que afetavam a saúde de uma nação encontravam-se na sociedade brasileira, caracterizado como “povo amorfo” e “desorganizado”.

A propósito das concepções do período para resolver o problema racial, Requião apresentou da seguinte maneira:

Se o elemento flutuante de raças adventícias superiores (...) não se vier casar proficualemente com essa líia de sangue degenerado, a ponto de fazer

¹¹ Requião, op. cit., p. 5.

¹² Ibidem. p. 167.

¹³ Ibidem. p. 4,5.

desaparecer e de renovar o destino etnológico da espécie nacional, então, o que se há de operar é uma regressão [...] com o aniquilamento total de um povo, um dia emancipado para morrer de cachexia física, metal e moral”.¹⁴

As recomendações existentes para Requião não passavam de “acrobacias” para tentar evitar a “grei barbaresca”. - O gado miúdo, oriundo da mistura entre a raça superior com as inferiores. Não passavam de uma “ilusão democrática”. Alertou ele: Nada de sonhos, a nação tinha um destino certo, não passava de uma “tribo”. A realidade deveria ser encarada, pois não é de “hipóteses que uma nacionalidade vive”.¹⁵

Os tais fatos precisavam da atuação do Estado contra a “ignorância eversora que corrói o organismo social”, pois, até aquele momento, não se refletia sobre as necessidades comuns da nação, resultando então, na procriação de “alardes e enxovedos [...] no ventre cancerado das instituições”.

Para o jornalista, era necessário o desaparecimento dessa enfermidade, eles, as raças distintas, não poderiam fecundar-se. Então, não havia dúvidas, a cura seria só com uma inesperada “convulsão geológica” que conteria o “germe de uma demolição apreciável”. Posteriormente, seria reconstruída uma nação “forte e viril”, com o desaparecimento desse futuro que assombra.¹⁶

A ideia de uma nova nação forte, defendida por Requião tinha os mesmos argumentos do escritor baiano Mario Pinto Serva, que publicou também em 1922, o livro *Pátria Nova*, com a alegação de que havia a necessidade da construção de “uma raça inteira, forte, bela, instruída e generosa” para poder atingir o mesmo progresso dos Estados Unidos da América. Serva também foi autor de *A virilização da Raça*, (1923) no qual se lançou a ideia de que era imprescindível romper com o processo de “desvirilização dos povos” para impulsionar a nação ao progresso, ao imperialismo e à guerra. O mesmo autor também publicou *A próxima guerra* (1922), *A renovação mental do Brasil* (1925), *A lição da revolta* (1926), *Problemas brasileiros* (1929) e *O voto secreto ou a organização de partidos nacionais* (1950).¹⁷

¹⁴ Ibidem. p.11.

¹⁵ Ibidem. p. 8.

¹⁶ REQUIÃO, op. cit., p. 6.

¹⁷ SERVA, Mário Pinto. *Pátria Nova*. São Paulo: Melhoramentos, 1922. _____. *Virilização da Raça*. São Paulo: Melhoramentos, 1923. In FLORES, Maria Bernardete Ramos. O mito de Caliban na interpretação do Brasil Acerca do americanismo na República Velha Brasileira. *Revista Diálogos Latinoamericanos*, Aarhus Universitet, Dinamarca. n.º. 11, 2006, pp. 50- 71. Em *Consciência e Liberdade*, sobre a questão

Em *Consciência e Liberdade*, Requião defendeu outra tese de Serva, intitulada *A Alemanha Saqueada*. Utilizando de um capítulo, de mesmo nome reiterou o argumento de que o país germânico não poderia ser sozinho responsável pela Primeira Guerra.¹⁸

(melhorar) A partir da leitura de *Consciência e Liberdade* é possível compreender qual interpretação do Brasil foi feita por Altamirando Requião. Quais eram os seus anseios de mudança, concretizadas ou não. E como o uso da História foi utilizado pelo autor como um artifício para culpar os liberais. Desse modo, a estratégia empregada foi relacionar os liberais no processo de abolição e culpa-los pelos problemas do presente.

racial no país, Requião também apontou os EUA como exemplo de progresso. Em sua análise, o país tinha poucos anos à frente do Brasil e tinha conseguido alcançar resultados iguais ao da Europa. p. 13.

¹⁸ SERVA, Mário Pinto. *A Alemanha Saqueada*. São Paulo: Monteiro Lobato. 1921.